**ENDOMETRITE CRÔNICA EM ÉGUAS**

**Izadora da Silva Reis Rodrigues¹\*, Júlia Daniele de Almeida¹, Jussara Gonçalves Ramos¹, Sara Máximo Nunes¹, Leonardo Costa Tavares Coelho2**

*1Graduando em Medicina Veterinária - Centro Universitário Una-Bom Despacho- Bom Despacho/MG - Brasil – \*contato: izadorarodriguess@hotmail.com*

*2Professor de Medicina Veterinária - Centro Universitário Una-Bom Despacho- Bom Despacho/MG- Brasil*

**INTRODUÇÃO**

Endometrites são processos inflamatórios agudos, crônicos ou degenerativos do endométrio que podem ou não, estar associados a agentes infecciosos, tornando-se uma das principais causas da subfertilidade e infertilidade em éguas, com prevalência de 25 a 60%, gerando a maior parte das perdas econômicas na equinocultura. 2,3

De acordo com Pascoe (1978), o útero, normalmente, é bem protegido da contaminação externa por barreiras físicas consistindo na vulva, no vestíbulo, vagina e cérvix. Qualquer comprometimento de uma dessas barreiras predispõe a égua à endometrite crônica. 3 Segundo Watson (1988), dependendo da capacidade fagocitária dos neutrófilos e da contratilidade da musculatura uterina as éguas podem ser susceptíveis ou resistentes às endometrites.3

Nas endometrites crônicas, ocorre predomínio de células mononucleares, linfócitos e plasmócitos, não sendo tão frequente a presença de macrófagos, eosinófilos e mastócitos. As infiltrações celulares crônicas aparecem de forma difusa ou focal no estrato compacto e no estrato esponjoso (periglandular e perivascular), além da fibrose que é permanente e representa um fator limitante ao desempenho reprodutivo da égua.1

**RELATO DE CASO E DISCUSSÃO**

Foi encaminhada a Central Preserve, uma égua, da raça mangalarga marchador, de pelagem tordilha, de 19 anos de idade, doadora de embriões com histórico de infecção uterina recorrente e persistente.

Iniciando a estação de monta 2018/2019, a égua foi submetida ao exame físico por meio da palpação transretal e exame ultrassonográfico onde foi possível observar o espessamento da parede uterina e uma considerável quantidade de fluido inflamatório intrauterino, bem como, a presença de uma estrutura cística**.** Posteriormente, colheu-se material uterino para a execução do exame de cultura e antibiograma, sendo feito por swab, o qual diagnosticou a presença da bactéria Klebisiella sp. Com base no resultado do antibiograma, o tratamento de escolha foi com o antibiótico Amicacina, sendo indicado pela sua eficácia contra bactérias aeróbicas gram-negativas. Não obstante, o tratamento foi ineficiente.

Mediante as alterações uterinas e sem resultado positivo, foi indispensável à realização de um novo exame ginecológico. Foi realizada a histeroscopia uterina da égua pelo M.V. Álvaro Mendes de Resende (jun./2019) que diagnosticou hiperplasia endometrial difusa, com presença de grandes números de pólipos e cistos, secreção com aspecto alterado, apresentando um quadro clínico de endometrite severa, com prognóstico reservado a desfavorável quanto à coleta de embriões e gestação. O tratamento de eleição foi com Dimetilsulfóxido (DMSO), administrado via intrauterina na concentração de 20% diluído com soro ringer com lactato por 3 dias durante o estro. Não obtiveram êxito com este tratamento também.

Com a perduração de resultado negativo foi realizado um novo antibiograma da égua, que diagnosticou a presença microbiana de Streptococus equi subsp. zooepidemicus. O tratamento foi realizado com ceftiofur. Persistindo os resultados negativos, a veterinária responsável decidiu tentar o tratamento com ozonioterapia intrauterina, uma técnica efetiva na reprodução equina que impede o crescimento de bactérias e fungos. Realizada com dois litros de soro ringer com lactato ozonizado na concentração de 30 μg/ml e o fluxo de 0,25L/min, durante a fase de estro como terapia complementar. Este protocolo foi realizado até se obter uma melhora satisfatória do endométrio como: menor quantidade de liquido intrauterino, lavado límpido, e controle bacteriano. Com os resultados reprodutivos negativos foi encerrada a estação de monta.

Inicia-se a estação de monta 2019/ 2020, e juntamente os trabalhos reprodutivos na égua. Na palpação transretal foi visualizado a presença de corpo lúteo, porém, a mesma não demonstrou características de estro, sendo realizada a aplicação do fármaco Lutalyse na dosagem de (1ml/por animal/IM). Este fármaco tem como princípio ativo o Dinoprost Trometamina (um análogo da prostaglandina), atuando na luteólise do corpo lúteo, provocando sua regressão, bem como, auxiliando na sincronização do cio e no tratamento da endometrite.

Recorrido três dias, o animal foi submetido ao exame de palpação retal e a ultrassonografia transretal, na qual foi visualizada a presença de edema, bem como fluido inflamatório intrauterino.

Em decorrência aos tratamentos antecedentes, e a permanência do fluido inflamatório intrauterino, foi realizada a ozonioterapia juntamente com a administração de enrofloxacina, via oral, na dosagem de 40 ml, SID, durante 10 dias (iniciando no estro e prolongando para o diestro até a coleta de embrião).

Após o tratamento, e a inseminação com baixo volume de sêmen, ao final de 2019, foi realizada a coleta de embrião com resultado positivo, e confirmado a gestação na receptora aos 60 dias da inovulação do embrião.

Então, com mais cinco tentativas de inseminações e coletas de embriões sem resultados positivos, e ainda com a presença do fluido inflamatório intrauterino, foi realizada uma nova histeroscopia para avaliação da progressão da endometrite. No exame, realizado pelo M.V. Álvaro Mendes de Resende (nov./2019), foi observado um processo inflamatório difuso no endométrio, áreas com presença de eritema e erosões da parede endometrial, hiperplasia moderada e excesso de secreção mucosa na cavidade uterina. Logo, encerrou se a estação de monta, e sem resultados de coletas de embriões positivos.

Por todos esses aspectos e lembrando que as médicas veterinárias envolvidas trabalham sempre com um manejo ginecológico, sanitário e nutricional excelente, é sugestivo que a permanência da endometrite, seja devido aos fatores predisponentes como: idade - éguas idosas tendem a ter menor eficiência reprodutiva, mecanismo de defesa prejudicado e a qualidade uterina debilitada, além as alterações anatômicas - o útero localizado mais baixo do que o assoalho da pelve, a angulação da vulva <50° predispondo a desenvolver uma pneumovagina.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que, o diagnóstico da endometrite crônica é de suma importância na reprodução equina, pois ela interfere negativamente na fertilidade das fêmeas. O útero se torna inapropriado para a fecundação do ovócito e do desenvolvimento embrionário. Por fim, é relevante mencionar que novos estudos descrevem o uso de células tronco como tratamento alternativo, obtendo resultados promissores e satisfatórios.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

****